

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i19.33870>

Artigo recebido em: 01/09/2020

Artigo aprovado em: 17/02/2021

Artigo publicado em: 05/05/2021

ESPINOSA E O SISTEMA DOS AFETOS

uma breve introdução ao Livro III da *Ética*

SPINOZA AND THE SYSTEM OF AFFECTIONS

a brief introduction to Book III of Ethics

Guilherme Alexandre Martins Amaral¹

(gambomba@hotmail.com)

RESUMO

60 Neste artigo, apresentarei o sistema dos afetos de Baruch de Espinosa, filósofo racionalista holandês do século XVII. Nosso caminho será feito a partir de uma abordagem concisa sobre alguns conceitos pressupostos do sistema dos afetos, tais como: modo, afecção, corpo etc. Concluída esta etapa, analisarei cuidadosamente a *Ética*, a fim de esclarecermos o conceito de ser humano, para, então, adentrarmos no sistema dos afetos. Nossa abordagem será fundamentada numa tradição consagrada de comentadores da filosofia espinosana, procurando manter-se fiel ao autor, bem como, aos seus intérpretes e comentadores. Além disso, buscarei destrinchar, de forma introdutória e objetiva, alguns conceitos importantes para a compreensão da *Ética*, obra magna do referido autor, tais como: substância, atributos, afecção, modos, afetos etc. Propondo, assim, uma breve apresentação e introdução ao livro III da *Ética*, e ao sistema dos afetos de Espinosa.

Palavras-chave: *Ética*. Espinosa. *Conatus*. Afetos. Paixão.

ABSTRACT

In this article, I am going to present the system of affections of Baruch Spinoza, a 17th-century Dutch rationalist philosopher. Our path is going to be based on a concise approach on some presupposed concepts of the system of affections, such as: mode, affection, body etc. After concluding this stage, I am going to carefully analyze the *Ethics* in order to clarify the concept of human being, so we can enter the system of affections. Our approach will be grounded on a consecrated tradition of Spinozian philosophy commentators, seeking to remain faithful to the author as well as to his interpreters and commentators. I will also try to untangle, in an introductory and objective way, some important concepts for the understanding of *Ethics*, the greatest work of the referred author, such as: substance, attributes, affection, modes, affections etc. Thus, I propose a brief presentation and introduction to Book III of *Ethics*, and Spinoza's system of affections.

Keywords: *Ethics*. Spinoza. *Conatus*. Affections. Passion.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2543398601038688>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5949-4477>.



1 CONCEITOS E PRESSUPOSTOS DO SISTEMA DOS AFETOS

Na *Ética*, é possível encontrar quase todos os elementos da filosofia de Espinosa, desde princípios metafísicos até conselhos morais. Embora o nome seja sugestivo, a obra não é necessariamente um tratado sobre ética no sentido estrito da palavra. Ela contém, entretanto, um conjunto de tratados, que perpassam assuntos como: Deus, a mente humana, a natureza do mundo, os afetos, a liberdade e a servidão humana. Essa vasta obra é dividida em cinco partes, sendo elas: *De Deus*; *Da Natureza e Origem da Mente*; *Da Origem e Natureza dos Afetos*; *Da Servidão Humana, ou das Forças dos Afetos*; e *Da Potência do Intelecto, ou da Liberdade Humana*. Essas cinco partes, juntas, compõem um único tratado que percorre inúmeras áreas, como: metafísica, ética, epistemologia, antropologia etc. Para alcançarmos o nosso objetivo, é preciso realizar uma análise mais detida do Livro III, *Da Origem e Natureza dos Afetos*.

61 Para executarmos bem nossa investigação, será necessário percorrermos um caminho que traçaremos desde o Livro I até os últimos conceitos do Livro II, selecionando e priorizando alguns conceitos. Espinosa começa sua filosofia defrontando-se com um problema legado pelo cartesianismo. Segundo Descartes, pensamento e extensão são duas substâncias diferentes, causadas por Deus, porém incomunicáveis. Descartes escreve: “Para cada substância, um é o atributo principal; à mente, o pensamento, ao corpo, a extensão” (DESCARTES, 1951, p. 24, tradução nossa)². Vê-se, portanto, que o filósofo francês afirma que, de cada substância, um é o atributo principal. Já nas *Meditações*, em especial na sexta meditação, no parágrafo 17, Descartes comenta:

E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele. (DESCARTES, 1979, p. 134)

² Do original: “De cada sustancia uno es el atributo principal; como de la mente el pensamiento, del cuerpo la extensión”.



Embora nos artigos 51 e 52 do livro *Princípios da Filosofia* o filósofo francês argumente que tanto a *res cogitans*³ quanto a *res extensa*⁴ necessitam de Deus para serem criadas, ele as denominou por substâncias. O que Descartes não viu num primeiro momento foi que, ao fazer isso, ele necessariamente teria de postular uma terceira substância, que fosse incausada e que causasse as duas substâncias de ‘segunda ordem’. Pelo contrário, o filósofo francês argumentou em favor da existência de duas ordens de substâncias, a primeira ordem sendo constituída única e exclusivamente por Deus, e sendo a segunda constituída pelas substâncias de Pensamento e Extensão.

Cottingham argumenta: “Descartes admite atribuir a outras coisas, entretanto, a qualidade de substâncias no sentido secundário de que independem de tudo menos de Deus, ou, em suas palavras, de demandarem somente o CONCURSO divino para existir” (COTTINGHAM, 1995, p. 146). Como mostrou Cottingham, Descartes atribuiu a natureza de substância ao pensamento e à extensão. Todavia, surge dessa atribuição substancial um dos problemas irresolutos da filosofia cartesiana, o problema da interação corpo-mente. Ora, uma vez que a substância é por si independente de qualquer outra substância, como a mente poderia interagir com o corpo? Em outras palavras, como pensamento e extensão podem se comunicar, se são essencialmente incomunicáveis?

62

Espinosa defronta-se com esse problema, solucionando-o de maneira inovadora. Pensamento e extensão não são substâncias diferentes, mas, sim, aspectos distintos de uma única Substância: “O pensamento é atributo de Deus, ou seja, Deus é coisa pensante” (ESPINOSA, 2015, II, prop 1). E, posteriormente: “A extensão é atributo de Deus, ou seja, Deus é coisa extensa” (ESPINOSA, 2015, II, prop 2). Essas proposições expressam o entendimento que Espinosa tinha sobre o universo. Para o filósofo racionalista holandês, todo o universo é a expressão da existência de Deus: “Tudo que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido” (ESPINOSA, 2015, I, prop 15).

Para Espinosa, Deus ou Natureza⁵ é tudo o que existe. A identidade de Deus é a mesma da natureza. Deus não é causa transitória, isto é, que causa a existência do universo e, logo depois, retira-se dele. Deus é causa imanente, causa eficiente constante. Segundo Espinosa, a Natureza é constituída por uma substância única e seus infinitos atributos; a classe

³ A tradução do latim é ‘coisa pensante’.

⁴ A tradução do latim é ‘coisa extensa’.

⁵ Deus ou Natureza provém da expressão latina *Deus sive Natura*, que expressa, por sua vez, a total identidade de Deus com a Natureza. Filosoficamente, essa posição é identificada com o panteísmo, corrente que defende uma visão imanentista da natureza divina. Deus não é mais transcendente, fora do mundo. Pelo contrário, Deus é o mundo, o mundo é uma expressão singular da existência de Deus.



de Substância e atributos denomina-se Natureza Naturante, enquanto a classe dos modos, Natureza Naturada. No escólio da proposição 29, da primeira parte, Espinosa diz:

[...] por Natureza naturante nos cumpre entender aquilo que é em si e concebido por si, ou seja, os atributos da substância, que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus enquanto considerado como causa livre. Por Natureza naturada, entretanto, entendo tudo aquilo que segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que são em Deus, e que sem Deus não podem ser nem ser concebidas. (ESPINOSA, 2015, I, esc. prop 29)

Sendo assim, nós somos, inteligimos e interagimos diretamente com os modos [Natureza Naturada], na mesma medida em que somos, inteligimos e interagimos indiretamente com os atributos e a Substância [Natureza Naturante]. Existem infinitos atributos de Deus, porém conhecemos apenas dois: pensamento e extensão. “Por atributo entendo aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela.” (ESPINOSA, 2015, I, def 4)

63

Os atributos são, igualmente, infinitos em seus respectivos gêneros, e derivam destes os modos. Os modos são formas determinadas do ser, ou seja, são entes que possuem uma forma específica, bem como um conjunto finito de predicados. Os modos finitos são também ontológica e epistemologicamente dependentes, isto é, sua existência não está contida em sua essência: “O modo ‘é em outra coisa’ na medida em que deve sua existência a outra coisa: ele não se produz, não é ‘causa de si’ (I 7 e *dem.*), mas causado ou produzido ‘por outra coisa’” (RAMOND, 2010, p. 56). Existem três tipos de modos; são eles: os modos infinitos imediatos, os modos infinitos mediatos e os modos finitos. Ramond argumenta:

Na carta 64 a Schuller, Espinosa dá exemplos dos modos infinitos dos únicos dois atributos que conhecemos: o “modo infinito imediato” do pensamento seria “o entendimento absolutamente infinito”, o da extensão, “o movimento e o repouso”; o “modo finito mediato” da extensão “a figura do universo inteiro” <*facies totius universi*> (nosso universo na sua totalidade seria, pois, apenas o modo infinito mediato de um dos atributos em número infinito da substância...); Espinosa não dá exemplo do “modo infinito mediato” do pensamento. (RAMOND, 2010, p. 57)

Assim, os modos derivam de uma longa cadeia de existência, até que se alcance o estágio mais ‘imperfeito’ da realidade, que são os modos finitos. Enquanto finitos, os modos possuem limite, finitude e, logo, negação; portanto, são imperfeitos. Imperfeição, no presente texto, não designa um ser de segunda categoria, mas, sim,



um ser com menor nível de realidade: “Por realidade e perfeição entendo o mesmo” (ESPINOSA, 2015, II, def 6). Deus, sendo o ser absolutamente perfeito, é o mais real e existente. Esse argumento é uma variante dos argumentos ontológicos da prova de Deus, utilizados por muitos filósofos medievais.

Os modos finitos são existências finitas, de menor grau de perfeição e de realidade do que a Substância ou os atributos, e, portanto, condicionados à duração, existindo e atuando, na realidade, de maneira transitória, dependente e indefinida. A sua essência não envolve, necessariamente, a existência, mas apenas a duração indeterminada. Na Carta 12 da obra *Correspondência*, Espinosa argumentou ao seu amigo, Lodewijk Meijer:

Como se vê claramente, concebemos a existência dos modos como totalmente diversa da existência da substância. Origina-se aí a diferença entre eternidade e a duração – por esta só podemos explicar a existência dos modos; mas a existência da substância só pode ser explicada pela eternidade, isto é, como fruição infinita do existir (*existendi*), ou, para usar um barbarismo, como fruição infinita do ser (*infinitam essendi fruitionem*). (ESPINOSA, 1979, p. 376)

64

Sendo assim, os modos são diferidos da substância por várias características, tais como: finitude; dependência ontológica e epistemológica; duração; imperfeição etc. Contudo, os diferentes modos surgem a partir das longas cadeias de existência, derivando-se, geometricamente, de um ponto absoluto, Deus. Nas proposições de 21 a 23, no Livro I da *Ética*, Espinosa discorrerá sobre os modos infinitos, enquanto na proposição 28 ele falará sobre os modos finitos. É importante ressaltar que, quanto mais finito ou determinado um modo for, mais imperfeito e, portanto, menos real ele será. As modificações, ou modos, ocorrem em função das afecções da Substância, argumenta Espinosa: “Tudo que segue de algum atributo de Deus, enquanto é modificado por uma modificação tal que, pelo mesmo [atributo], existe necessariamente e infinita, deve também existir necessariamente e infinito” (ESPINOSA, 2015, I, prop 22).

Outro conceito importante para o entendimento da filosofia espinosana é o de afecção. As afecções são relações de interação. Os modos surgem das afecções da substância e dos atributos, sobretudo dos últimos. Faz-se necessário, pois, um estudo mais detido do conceito de afecção. A palavra ‘afecção’ provém do termo latino *affectio*, e designa passividade. Não



obstante, o termo latino, por sua vez, originou-se do termo grego *pathós*⁶, paixão. Essa dualidade etimológica, entre a língua grega e a língua latina, em determinadas ocasiões, gerou e ainda gera alguns equívocos interpretativos.

Segundo Torrinha, no *Dicionário Latino Português*, o termo *affectio* carrega alguns sentidos: “*Affectio* ou *adfectio*, *onis* [*afficio*], f. 1. Relação; disposição. 2. Estado; modo de ser; posição. 3. Boa disposição para com alguém; afeição; ternura. 4. Vontade; inclinação. 5. Pl. Objecto de afeição; motivo de preferência” (TORRINHA, 1942, p. 33). Na definição precedente, é possível perceber uma pluralidade de sentidos que o termo *afecção* carrega. Essa pluralidade de sentidos causa, por vezes, algumas interpretações equivocadas, sobretudo de conceitos filosóficos. É normal, para aqueles que não possuem um cuidado mais detido, confundir termos com conceitos, isto é, confundir palavras com ideias.

Assim como as palavras têm os seus sentidos alterados no tempo pelos falantes da língua, o mesmo, no caso da filosofia, ocorre com os conceitos. Entretanto, os filósofos alteram os propositalmente, a fim de aguçarem suas ferramentas, os conceitos. Um exemplo disso, que foi comentado acima, pode ser encontrado no *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano. Ele define *afecção* como:

Em sentido análogo [em relação a Descartes], essa palavra é empregada por Espinosa para definir o que ele chama de *affectus*, e que nós chamaríamos de emoções ou sentimentos. As emoções, como *passiones*, isto é, *afecções/afeições*, constituem a impotência da alma, que as vence transformando-as em ideias claras e distintas. “A emoção”, diz Espinosa (Et., V, 3), “que é uma afeição, deixa de ser uma afeição assim que dela formamos ideia clara e distinta”. Nesse caso essa ideia só se distingue racionalmente da emoção e refere-se apenas à mente; assim, deixa de ser uma afeição (ibid., V, 3). Por isso Deus, que é desprovido de ideias confusas, está isento de afeição (ibid., V, 17). (ABBAGNANO, 2012, p. 19)

Entretanto, Abbagnano, em nossa interpretação, parece confundir *affectus* [afeto] com *affectio* [afecção] ao igualar ambos, ‘*afecções/afeições*’. *Afecção*, em Espinosa, não possui o sentido de ‘emoção ou sentimento’, mas, sim, de modificação e de alteração.

Segundo Charles Ramond, a *afecção* pode ser compreendida de duas formas: “Cumpre distinguir dois casos: as ‘*afecções da substância*’ e as ‘*afecções das coisas singulares*’ (ou seja, as *afecções das afecções da substância*)” (RAMOND, 2010, p. 16). Ramond, no *Vocabulário de Espinosa*, no vocábulo ‘*afecção*’, distingue, inicialmente, três formas de compreender esse conceito. A segunda forma de compreensão do termo ‘*afecção*’

⁶ Em grego, *πάθος*.



ser-nos-á mais útil: “Contudo, o termo *affectio* designa, mais frequentemente, aquilo em que uma coisa particular ou modo é ‘afetado’, ou seja, ‘modificado’, ‘alterado’ no sentido de ‘transformado’” (RAMOND, 2010, p. 16).

A afecção pode ser entendida de duas formas: 1º. enquanto modo afetado, isto é, o próprio modo enquanto singular e existente; 2º. Enquanto a própria modificação, isto é, o ato de afetar, modificar ou alterar. Essas duas formas, a primeira sendo ‘afecção’ como sujeito, enquanto a segunda sendo ‘afecção’ como ação, são os significados mais próximos do termo ‘afecção’. Sendo assim, afecção não é simplesmente uma paixão, sentimento ou emoção, mas, sim, uma forma determinada de ser e de determinar, isto é, de provocar uma mudança, alteração ou modificação. Além de Ramond, Deleuze também defende essa tese na obra *Espinoso: Filosofia Prática*.⁷ Deleuze distingue três formas de compreensão do conceito; são elas:

1ª) As afecções (*affectio*) são os próprios modos. 2ª) Em um segundo grau, as afecções designam o que acontece ao modo, as modificações do modo, os efeitos dos outros modos sobre este. 3ª) Afecções-imagens ou ideias formadas a partir de certos estados do corpo e do espírito afetado. (DELEUZE, 2002, p. 55)

66

Constata-se, portanto, que afecção e afeto são conceitos distintos na filosofia espinosana, embora tenham origem etimológica semelhante. O conceito de afecção é muito importante para compreender a relação entre os afetos e o corpo. Realizada essa breve apresentação e discussão dos conceitos espinosanos, doravante faremos uma breve consideração acerca do ser humano em Espinosa, para que, só então, adentremos no sistema dos afetos.

2 O SER HUMANO EM ESPINOSA

A *Ética*, como já foi dito anteriormente, é composta por cinco livros, dentre os quais os Livros II, III, IV e V abordam a natureza humana e seus principais aspectos. Embora nosso foco seja o Livro III, *Da Origem e Natureza dos Afetos*, é contraproducente ou até mesmo impossível chegar a ele sem abordar suas relações com os outros.

⁷ Cf. Vocábulo afecções/afetos. In: DELEUZE, G. *Espinoso: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta LTDA, 2002. p. 55.



Um dos pontos cruciais para compreender os afetos relaciona-se diretamente com os conceitos de *conatus* e corpo. Segundo Espinosa, no início do Livro III: “Cada coisa, o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser” (ESPINOSA, 2015, III, prop 6). Essa proposição enuncia a essência última dos seres, o conceito de *conatus*.⁸ Diz Espinosa: “O esforço pelo qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser não é nada além da essência atual da própria coisa” (ESPINOSA, 2015, III, prop 7)⁹. Esse esforço, *conatus* – expressão de força constante de ser e agir no mundo –, no ser humano manifesta-se em sua própria essência como desejo. Diz o filósofo: “O Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer” (ESPINOSA, 2015, III, def 1 dos afetos).

Existem diversas formas de manifestação dessa essência em relação ao ser humano. Quando o *conatus* é dito somente em relação à alma, Espinosa utiliza o termo ‘vontade’. Quando, porém, é dito em relação ao corpo e à alma, denomina-se por ‘apetite’. Já quando o ser humano tem consciência dessa essência, *conatus*, usa-se o termo ‘desejo’.¹⁰ O homem afeta e é afetado pelo mundo de duas formas, aumentando a sua potência (perfeição, realidade) de ser ou agir, ou a diminuindo. Para essas duas maneiras de se relacionar com o mundo – aumento e diminuição de potência –, Espinosa nomeia ‘alegria’¹¹ o aumento de potência, e tristeza¹² a sua diminuição.

Espinosa não se refere, necessariamente, aos estados de espírito de alegria e de tristeza como nós costumamos, rotineiramente, utilizar esses termos. Pelo contrário, embora sejam termos genéricos, sobretudo na língua portuguesa, designam, na verdade, conceitos específicos. Esses conceitos indicam a relação de afecção entre os modos, o homem e o mundo, entre atividade e passividade, entre perfeição e imperfeição, entre aumento e diminuição de potência.

Todavia, eles [alegria, tristeza e *conatus*] cumprem um papel fundamental na composição de todos os afetos. Defende Scruton: “As emoções resultam do aumento ou da diminuição da potência, e potência é perfeição. A alegria é a paixão com a qual nós

⁸ Torrinha define o termo pelos seguintes verbetes: “1. *Conatus*, a, um participio de *conor*: que se esforçou; tendo-se esforçado” e “2. *Conatus*, us [*conor*], (substantivo masculino) m. Esforço (físico ou moral); empenho; tentativa; empresa; impulso; inclinação; tendência” (TORRINHA, 1942, p. 93).

⁹ A tradução, em latim: “*Conatus*, quo unaquaeque res in suo esse per severare conatur, nihil est praeter ipsius rei actualem essentiam” (ESPINOSA, 2015, III, prop 7).

¹⁰ Cf. vocábulo ‘desejo’, em: RAMOND, C. *Vocabulário de Espinosa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 32. (Coleção Vocabulário dos Filósofos)

¹¹ Em latim, *laetitia*.

¹² Em latim, *tristitia*.



avancamos para uma perfeição superior, a tristeza é a paixão com a qual nós descemos para uma inferior” (SCRUTON, 2000, p. 36).

Espinosa demonstra que todos os afetos derivam desses três afetos originários: desejo, alegria e tristeza. Os afetos originários, relacionando-se com as outras formas de afecções, como o tempo [passado, presente, futuro], a certeza ou incerteza, a exterioridade ou interioridade, compõem todos os outros afetos, tais como: amor, ódio, medo, esperança etc.

Espinosa definirá os afetos da seguinte maneira: “Por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções” (ESPINOSA, 2015, III, def 3). Antes de nos aprofundarmos na natureza dos afetos, cabe, antes, perpassarmos rapidamente o conceito de corpo. Por qual razão? Pois é no corpo que as afecções são geradas e, por conseguinte, refletidas no pensamento, na forma de afetos.

No início da parte II da *Ética*, Espinosa, na primeira definição, discorre sobre a natureza do conceito de corpo. O filósofo comenta: “Por corpo entendo o modo que exprime, de maneira certa e determinada, a essência de Deus enquanto considerada como coisa extensa” (ESPINOSA, 2015, II, def 1). Portanto, um corpo é um modo que exprime uma natureza certa e determinada. Logo após a definição precedente, Espinosa fala:

Por coisas singulares entendo coisas que são finitas e têm existência determinada. Se vários indivíduos concorrem para uma única ação de maneira que todos sejam simultaneamente causa de um único efeito, nesta medida considero-os todos como uma única coisa singular. (ESPINOSA, 2015, II, def 7)

Assim, um corpo pode ser formado de outros corpos, desde que esses outros corpos atuem em conjunto, como causa única. Espinosa constata que o corpo humano é formado, igualmente, por vários corpos, como: tecidos, ossos, músculos, nervos, fluidos etc. Enquanto todos esses órgãos concorrerem, de forma certa e determinada, para causar um efeito único, a saber, possibilitarem a vida humana, todos eles serão entendidos como membros de um único corpo.

3 O SISTEMA DOS AFETOS



O terceiro livro da *Ética* é iniciado com um trecho extremamente importante, o qual revela não só a natureza do que se segue no livro, mas também os aspectos mais fundamentais da filosofia de Espinosa:

Quase todos que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. (ESPINOSA, 2015, III, pref, p. 233)

Esse trecho é uma crítica direta aos moralistas teológico-metafísicos, como argumentará Chauí (2016). Quando Espinosa escreve que eles não trataram os afetos como coisas naturais, ele está criticando justamente a posição ascética e professoral dos moralistas, que, reclusos em uma vida de proibições, julgam e criticam as pessoas e suas ações. Entretanto, esse trecho revela, igualmente, um aspecto fundamental da filosofia de vida de Espinosa. Quando o autor se refere aos afetos como “coisas naturais, que seguem leis comuns”, ele está explicitando o caráter próprio de seu entendimento sobre o mundo. Esse aspecto fundamental exprime a inteligibilidade total do real, isto é, o racionalismo absoluto de Espinosa.

69

Espinosa é um racionalista absoluto, ou seja, defende que tudo o que existe é passível de compreensão. A *Ética* não foi escrita de forma geométrica somente pelo critério estilístico, mas, sim, pela compreensão geométrica do universo. Para o filósofo holandês, o universo é, por completo, cognoscível, com uma estrutura definida, certa e determinada. E essa estrutura é tão cognoscível e demonstrável quanto a própria geometria. Entretanto, naquele mesmo trecho, é possível ainda extrair mais informações. No final do excerto, há uma expressão muito cara para Espinosa, “um império num império”¹³. Segundo Marilena Chauí, essa expressão designa a indivisibilidade do poder, isto é, o poder de controlar ou ser controlado, de ser ativo ou ser passivo. Ela argumenta:

Essa expressão é empregada por Espinosa numa tríplice significação: em seu sentido teológico, provém da Cabala e designa o lugar do homem antes da queda, quando Deus lhe teria dado o império do mundo; em seu sentido político, encontra-se nos autores que discutem a indivisibilidade da soberania (tem o *imperium* quem tem o poder de mando, o de fazer e promulgar as leis e usar a espada tanto para guerra quanto para punir crimes) e por isso mesmo atacam as igrejas e as corporações como sediciosas, pois pretendem dividir a soberania, instituindo poderes rivais que a disputem; finalmente, em seu sentido

¹³ Em latim, *imperium in imperio*.



metafísico e moral, é empregada para indicar a soberania da vontade no domínio absoluto sobre todas as paixões e ações. (CHAUI, 2016, p. 287)

É na terceira definição, em sentido moral e metafísico, que se encontra o nosso ponto de partida. Segundo Chauí (2016), a expressão *imperium in imperio* pode ser empregada na indicação da soberania da vontade perante as paixões e as ações. Essa é uma das formas de compreender a relação entre os afetos e a liberdade. Espinosa define afeto da seguinte forma: “Por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções” (ESPINOSA, 2015, III, def 3).

Os afetos são as ideias das afecções que interagem com o corpo. Essas afecções, de acordo com a relação que elas exercem com o nosso corpo, podem aumentar ou diminuir nossa potência. Não se trata, contudo, de toda e qualquer afecção. Espinosa nomeia uma categoria muito específica de relação, imagens e imaginação. As imagens são as afecções sob as quais nosso corpo padece, enquanto a imaginação é a contemplação dessas ideias de afecção/padecimento. Cumpre, aqui, como já me foi aconselhado sabiamente, destacar um trecho do escólio da proposição 49 da parte II da *Ética*. Espinosa comenta:

Começo, então, pelo primeiro ponto e recomendo aos Leitores que distingam acuradamente entre ideia, ou seja, um conceito da Mente, e imagens de coisas que imaginamos. [...] Pois como muitos confundem inteiramente as três, a saber, imagens, palavra e ideias, ou não as distinguem com suficiente acurácia ou, enfim, com suficiente cautela [...]. (ESPINOSA, 2015, II, esc. prop 49)

Segundo Deleuze:

As únicas ideias que temos nas condições naturais de nossa percepção são as que representam o que acontece ao nosso corpo, o efeito de outro corpo sobre o nosso, isto é, uma mistura dos dois corpos: elas são necessariamente inadequadas [...]. Tais ideias são imagens. Ou melhor, as imagens são as próprias afecções corporais (*affectio*), as marcas de um corpo exterior sobre o nosso. (DELEUZE, 2002, p. 83)

Assim, os nossos afetos, segundo Espinosa, são formados a partir das imagens – ideias das afecções que afetaram nosso corpo. O filósofo racionalista comenta: “O homem, a partir da imagem de uma coisa passada ou futura, é afetado pelo mesmo afeto de Alegria ou Tristeza que a partir da imagem de uma coisa presente” (ESPINOSA, 2015, III, prop 18). Como já discutido anteriormente, o *conatus* é a própria essência dos



modos. E, em toda relação de afecção, entre os modos, sempre ocorrerá o aumento de potência em um à medida que ocorrerá a diminuição de potência em outro. Por exemplo, ao comermos uma comida e a digerirmos, ela deixará de existir e perderá existência e perfeição à mesma medida que ganharmos os seus nutrientes e vitaminas, obtendo um aumento de potência e perfeição.

Espinosa, na segunda parte do Livro III da *Ética*, fez a definição geral dos afetos da seguinte forma: “O desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer” (ESPINOSA, 2015, III, def 1 dos afetos). Dessa maneira, a própria essência do ser humano é o desejo, e este busca inexoravelmente a sua satisfação, conservando ou aumentando a sua potência. Entretanto, para que isso ocorra, um corpo precisa necessariamente entrar em contato com outro.

Nesse contato, ocorre uma afecção, seja como aumento, seja como diminuição da potência. Espinosa classificou duas formas de afetos: os ativos e os passivos. Nessa classificação, os afetos passivos são definidos como diminuidores de potência. Já os afetos ativos são aqueles que o sujeito, por meio do uso adequado da razão, causa em si mesmo e no mundo. Os afetos ativos são, para Espinosa, pouquíssimos, e sua natureza é sempre definida como causadora do aumento da potência. No escólio da proposição LIX (59), do Livro III, Espinosa fez uma breve e raríssima menção a essa categoria de afetos, os ativos. Argumenta o filósofo:

Todas as ações que seguem dos afetos referidos à mente enquanto entendo eu refiro à Fortaleza, que distingo em Firmeza e Generosidade. Pois por *Firmeza* entendo o *Desejo pelo qual cada um se esforça para conservar seu ser pelo só ditame da razão*. Por *Generosidade* entendo o *Desejo pelo qual cada um se esforça para favorecer os outros homens e uni-los a si por amizade pelo só ditame da razão*. Assim, as ações que visam só ao útil do agente refiro à Firmeza, e as que visam também ao útil do outro, à Generosidade. Portanto a Temperança, a Sobriedade, a presença de espírito nos perigos, etc. são espécies de Firmeza; já a Modéstia, a Clemência etc. são espécies de Generosidade. (ESPINOSA, 2015, III, esc. prop 59)

Além dessas duas classificações, entre os afetos ativos e os passivos, ocorre uma segunda classificação, dentro do grupo dos afetos passivos. Existem dois tipos de afetos passivos, os que aumentam a potência de existir (*Laetitia*), e os que diminuem a potência (*Tristitia*). Esses dois grupos de afetos são referidos a diferentes objetos. Para Espinosa, os afetos ativos são mais potentes que os passivos, assim como os afetos passivos alegres são, por sua vez, igualmente mais benévolos que os afetos passivos tristes.



A potência desses afetos, a que me refiro aqui, não diz respeito aos afetos mesmos, mas, sim, à sua relação com o *conatus*, isto é, com o princípio de conservação ou aumento da potência, e com a busca do seu próprio útil. Na proposição 24, da quarta parte da *Ética*, Espinosa comenta: “Agir absolutamente por virtude nada outro é em nós que agir, viver e conservar o seu ser (os três significam o mesmo) sob a condução da razão, e isso pelo fundamento de buscar o próprio útil” (ESPINOSA, 2015, IV, prop 24). Ou seja, os afetos ativos, aqueles que derivam do uso adequado da razão, são superiores aos passivos, na medida em que convergem com a natureza humana, que é, segundo Espinosa, racional.

O filósofo holandês apresenta, em pares opostos, os afetos. Procurarei, agora, expô-los junto às suas definições e relações. São eles: alegria, tristeza, amor, ódio, esperança, medo, segurança, desespero, soberba, humildade e contentamento.

Inicialmente, traçarei os afetos originários, alegria e tristeza, que compõem todos os afetos posteriores. Espinosa diz: “II. A Alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior” (ESPINOSA, 2015, III, p. 341). Ou seja, a alegria representa o aumento de potência para existir ou agir. Já quanto a tristeza, ele diz: “III. A Tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior a uma menor” (ESPINOSA, 2015, III, p. 341), isto é, uma diminuição na potência de ser e agir, ficando-se mais fraco e passível de corruptibilidade pelo mundo.

Sobre o amor, o filósofo escreve: “VI. O amor é a Alegria conjuntamente à ideia de causa externa” (ESPINOSA, 2015, III, p. 343). Para Espinosa, o amor é um afeto passivo alegre, justamente porque, embora aumente a potência de ser, tem como causa um objeto externo que não o próprio sujeito. O mesmo sucede com o ódio, em uma relação contrária. Diz ele: “VII. O Ódio é a Tristeza conjuntamente à ideia de causa externa” (ESPINOSA, 2015, III, p. 345). Todavia, o ódio é um afeto passivo de tristeza; na hierarquia dos afetos, encontra-se no nível mais baixo.

Entre os afetos de medo e esperança ocorre uma relação inseparável. Espinosa os define: “XII. A Esperança é a Alegria inconstante originada da ideia de uma coisa futura ou passada de cuja ocorrência até certo ponto duvidamos” (ESPINOSA, 2015, III, p. 347). A esperança, portanto, surge da ignorância, da incerteza. O medo também: “XIII. O Medo é a Tristeza inconstante originada da ideia de uma coisa futura ou passada de cuja ocorrência até certo ponto duvidamos” (ESPINOSA, 2015, III, p. 347).

Espinosa argumenta que quem teme o pior espera pelo melhor, da mesma forma que quem espera pelo melhor teme o pior. Sendo assim, medo e esperança



são duas faces diferentes da mesma moeda, são faces da incerteza e da dúvida, e um não pode existir sem que o outro exista. Além do medo e da esperança, que provêm da incerteza, existem igualmente suas versões, todavia baseadas na certeza, sem qualquer sombra de dúvida. Trata-se da segurança e do desespero.

Espinosa fala: “XIV. A Segurança é a Alegria originada da ideia de uma coisa futura ou passada pela qual foi suprimida a causa de duvidar” (ESPINOSA, 2015, III, p. 347). A segurança é o afeto de alegria, baseado na certeza da ocorrência de um evento, fato ou dado que aumentará ou conservará a potência de ser ou agir. Já seu oposto, o desespero, é definido assim: “XV. O Desespero é a Tristeza originada da ideia de uma coisa futura ou passada da qual foi suprimida a causa de duvidar” (ESPINOSA, 2015, III, p. 347). O desespero é um afeto passivo de tristeza, originado a partir da certeza de um evento, fato ou dado que diminuirá ou destruirá a potência de ser ou agir.

Além desses dois, o filósofo define soberba por: “XXVIII. A Soberba é, por amor de si, estimar-se além da medida” (ESPINOSA, 2015, III, p. 353). Assim, a soberba ou orgulho nasce de uma superestima desmedida por si mesmo. A humildade, contudo, é um afeto de tristeza. Diz Espinosa: “XXVI. A Humildade é a Tristeza que se origina de o homem contemplar sua impotência, ou seja, sua debilidade” (ESPINOSA, 2015, III, p. 351). Ela nasce da contemplação da impotência do ser humano.

O último afeto que abordarei aqui é o de contentamento. Espinosa define o contentamento como: “XXV. O Contentamento consigo mesmo é a Alegria que se origina de o homem contemplar a si próprio e a sua potência de agir” (ESPINOSA, 2015, III, p. 351). O contentamento é o afeto que surge da contemplação adequada da potência de si mesmo. Há, de fato, inúmeros outros afetos no Livro III; entretanto, esses são os mais importantes para o nosso recorte da nossa introdução. Embora o caminho seja longo, emaranhado de obstáculos e obstruções, é preciso enfrentá-lo com fortaleza de espírito e clareza de pensamento. Como diria Espinosa: “tudo o que é notável é tão difícil quanto raro” (ESPINOSA, 2015, V, esc. prop 42).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um longo exame detalhado, porém introdutório, da filosofia espinosana, é possível constatar a importância e a relação de Espinosa com as



inúmeras outras áreas do conhecimento. A relação entre a filosofia e os conhecimentos em geral demonstra-se em diversos conceitos: o conceito de substância, ou Deus, e a teologia; o conceito de afeto, ou paixões/emoções, e a psicologia; o conceito de corpo e a física. Percebe-se, assim, a importante relação de Espinosa com a própria tradição filosófica alemã. Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, aponta Espinosa como um dos precursores de sua própria filosofia:

Estou totalmente estupefato, maravilhado! Tenho um precursor, e que precursor! Eu não conhecia quase nada de Spinoza: que eu seja agora impelido a ele, foi um “ato instintivo”. Não só sua tendência geral é a mesma que a minha – fazer do conhecimento *o mais potente dos afetos* –, como me reencontro em cinco pontos capitais de sua doutrina; este pensador, o mais fora da norma e solitário, é-me nesses aspectos justamente o mais próximo: ele nega a liberdade da vontade; os fins; a ordem moral do mundo; o não-egoísmo; o mal. Ainda que as divergências sejam também certamente enormes, elas se devem mais à diferença do tempo, da cultura e da ciência. (NIETZSCHE, 2017, p. 121)¹⁴

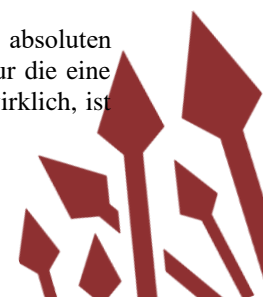
Hegel, por sua vez, vê em Espinosa um dos primeiros filósofos da história do Ocidente que percebeu essa presença imanente de Deus, como substância única:

A filosofia de Espinosa é a objetivação do cartesianismo, na forma de verdade absoluta. O simples pensamento do idealismo espinosista é: o que é verdadeiro é simplesmente uma substância única, cujos atributos são o pensamento e a extensão (natureza); e somente essa unidade absoluta é real, é a realidade – somente ela é Deus. (HEGEL, 1986, p. 161, tradução nossa)¹⁵

O filósofo alemão atribui essa percepção de Espinosa às influências orientais, tanto de Maimônides quanto do judaísmo. Além de Hegel, todo o idealismo alemão sofreu uma forte influência, direta ou indiretamente, de Espinosa. Não só no idealismo alemão Espinosa foi redescoberto e revalorizado, mas ganhou também um papel proeminente em várias filosofias da contemporaneidade, como, por exemplo, em Deleuze. Sendo assim, entender a filosofia espinosana é entender o legado histórico que ela tem sobre os filósofos idealistas alemães,

¹⁴ Do original: “Ich bin ganz erstaunt, ganz entzückt! Ich habe einen Vorgänger und was für einen! Ich kannte Spinoza fast nicht: daß mich jetzt nach ihm verlangte, war eine „Instinkthandlung“. Nicht nur, daß seine Gesamttenz gleich der meinen ist — die Erkenntniß zum *mächtigsten Affekt* zu machen — in fünf Hauptpunkten seiner Lehre finde ich mich wieder, dieser abnormste und einsamste Denker ist mir gerade in diesen Dingen am nächsten: er leugnet die Willensfreiheit —; die Zwecke —; die sittliche Weltordnung —; das Unegoistische —; das Böse —; wenn freilich auch die Verschiedenheiten ungeheuer sind, so liegen diese mehr in dem Unterschiede der Zeit, der Kultur, der Wissenschaft”.

¹⁵ Do original: “Spinozas Philosophie ist die Objektivierung der Cartesianischen, in der Form der absoluten Wahrheit. Der einfache Gedanke des Spinozistischen Idealismus ist: Was wahr ist, ist schlechthin nur die eine Substanz, deren Attribute Denken und Ausdehnung (Natur) sind; und nur diese absolute Einheit ist wirklich, ist die Wirklichkeit, – nur sie ist Gott”.



bem como sobre todas as filosofias que surgem tanto como crítica quanto como superação das filosofias do idealismo alemão. O espinosismo, sob certo aspecto, está no DNA das filosofias contemporâneas, ora explícito, ora implícito.



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- CHAUÍ, M. *A nervura do real II: imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- COTTINGHAM, J. *Dicionário de Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta LTDA, 2002.
- DESCARTES, R. *Los principios de la filosofía*. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A, 1951.
- DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas / René Descartes*. 2. ed. Introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsberg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ESPINOSA, B. *Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência/ Baruch de Espinosa*. 2 ed. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Marilena de Souza Chauí *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)
- ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- HEGEL, G. W. F. *Werke 20: Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie III*. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- RAMOND, C. *Vocabulário de Espinosa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção Vocabulário dos Filósofos)
- SCRUTON, R. *Espinosa*. Trad. Angélica Elisabeth Könke. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Coleção Grandes Filósofos)
- TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. 2. ed. Porto: Editora Gráficos Reunidos, 1942.
- NIETZSCHE, F. W. *Carta de Nietzsche a Overbeck de 1881 na qual se refere a Spinoza como seu único precursor*. Trad. André Martins. In: *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2017, pp. 1- 128.

